

APRESENTAÇÃO

*Dentro da perda da memória
uma mulher azul estava deitada
que escondia entre os braços
desses pássaros friíssimos
que a lua sopra alta noite
nos ombros nus do retrato.*

João Cabral de Melo Neto

“Dentro da perda da memória”, poema de João Cabral de Melo Neto (2003, p.44), publicado em seu livro de estreia como poeta, *Pedra do sono* (1942), indica um lugar para a poesia: nem dentro nem fora, ou seja, indica a preservação e a perda simultâneas da memória. Esse é o pensamento e a disposição de um poeta que já em seu primeiro livro reconhece a autêntica tarefa da poesia e, em especial, da poesia em tempos modernos.

A modernidade, concebida por Walter Benjamin como uma nova relação do sujeito com estímulos exteriores, é uma nova forma perceptiva e objetiva de colocar-se no mundo; ela é menos um fenômeno econômico e mais uma disposição para o mundo, portanto, está bastante ligada à prática da poesia. O filósofo alemão ressalta que é sintomático que todos os estudiosos da modernidade, sejam eles historiadores, filósofos ou psicólogos, referiram-se e referir-se-ão, em seus trabalhos em torno do eixo do moderno, à obra do poeta Charles Baudelaire. A modernidade é, dessa maneira, uma questão relacionada à experiência com o mundo. Walter Benjamin comprehende-a, a partir da poesia de Baudelaire, como uma singular possibilidade da escrita fazer parte da experiência do sujeito como sujeito. Portanto, o lírico em Benjamin também se constitui como uma experiência de escrita do sujeito, ou seja, de um sujeito que é simultaneamente sujeito e objeto, contudo, ambos encontram-se ausentes do processo da experiência empírica, já que não é mais a absorção dos choques produzidos pela experiência moderna que caracteriza a experiência, porque não é o choque que produz a experiência senão a tentativa de lidar com esses mesmos choques. A experiência é produzida, portanto, pela proteção que o sujeito elabora para mediar o contato com o choque, por isso, ela não se encontra no âmbito da vivência.

Benjamin observa que a poesia de Baudelaire conseguiu captar e produzir o drama que não é dele, e sim do outro, exatamente pela proteção/mediação da experiência/vivência do choque. Quanto mais estímulos, mais proteção contra eles. Quanto mais estesia/anestesia, mais lirismo, ou seja, mais objetos e sujeitos em falta. É por isso que o

aspecto dramático de toda poesia ainda pôde ser passível de desdobramentos na poesia moderna. Trata-se de uma reflexão sobre a insuficiência do humano, porque a lembrança alimenta e organiza *a posteriori* a recepção dos estímulos que inicialmente não tivemos tempo de reelaborar. No entanto, há uma constante proposição, por parte do sujeito que deseja se proteger do excesso de estímulos, em desorganizar a memória, vivendo-os como se não fossem estímulos direcionados a um “*si mesmo*”.

Foi dessa maneira que tentei orientar os Seminários de Leitura da Poesia de João Cabral de Melo Neto, realizados ao longo do ano de 2011, no âmbito do Núcleo de Estudos Literários e Culturais, NELIC/UFSC, ou seja, a leitura da poesia de Cabral como uma das que compreendeu a sua tarefa de continuar alimentando e orientando a relação do humano com o seu mundo.

Esta edição especial do *Boletim de Pesquisa NELIC* recolhe os textos produzidos a partir desses seminários. Além dos textos dos participantes do Seminário de Leitura da Poesia de João Cabral de Melo Neto, incluem-se nesta edição também ensaios de pesquisadores convidados.

No âmbito dos convidados, o ensaio de Marcelo dos Santos lança um olhar atento sobre diferentes perspectivas que se projetam sobre o arquivo de João Cabral, do qual boa parte se encontra na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, onde o pesquisador trabalha. Marcelo dos Santos destaca que a possibilidade de circular pelo arquivo produz novas combinações de leitura por parte da crítica, bem como ressalta a necessidade de colocar o nome de João Cabral para além dos limites de seus textos. Os textos de Eduardo Sterzi que são republicados aqui se justificam pelo seu destaque à necessidade de revisitação e reavaliação dos textos cabralinos frente a uma leitura atenta da modernidade. “O reino e o deserto” foi publicado na *Revista Letteratura D’America - Brasiliana*, Anno XXIX, n. 125, 2009, Università di Roma - La Sapienza. E o ensaio “Onde a linha?” saiu no volume publicado pela Lumme Editor (Col. Móbile), intitulado “A prova dos nove. Alguma poesia moderna e a tarefa da alegria”, de 2008.

No âmbito dos participantes do Seminário, Tiago Breunig reflete sobre a ideia de “sono” na poesia de Cabral e de Mallarmé, a partir da leitura que Alain Badiou opera do poema “L’Aprés-midi d’un faune”. Luciana Tiscoski, em seu texto, lê a poesia de Cabral como produto do labor de um melancólico, que tira muito de sua própria sensibilidade da sua relação fantasmagórica, astuta, util com as cidades, derivando dali a sua subjetividade, o seu “*a si mesmo*”, seu temperamento, os quais determinavam o que ele elegia para escrever. O texto de Maiara Knhis trata da obsessão formal aliada à obsessão por certas

imagens, isto é, experiências, que ela denomina, a partir da nomeação do próprio poeta, de algumas ideias fixas como uma marca na obra cabralina.

Enquanto coordenadora daquele seminário e autora de uma leitura da obra de Cabral aqui publicada, insistentemente propus a reflexão sobre a importância da recuperação de uma atitude intervenciva do crítico literário mediante a procura pelo arcaico nas obras, para encontrar ali a sua modernidade ainda não formulada. Para tal foram lidos alguns poemas de Cabral e de Murilo Mendes na relação deles com outras formas de cultura e nas suas tarefas de construírem uma modernidade intervenciva e transformadora.

Susana Scramim